



A ALMA DE UMA SOGRA



Em dias do mez passado
Vi n'uma reunião,
Um trocador de cavallos,
Um velho tabellião,
Um criado de um vigario
E a avó de um sachristão.

Veio uma dessas ciganas
Que lê a mão da pessoa,
Leu a mão de um velho e disse:
Vossa mercê anda atôa,
De cinco sogras que teve
Não obteve uma bôa,

E' muito exacto cigana,
Disse o velho a suspirar,
A melhor de todas cinco,
Essa obrigou-me a chorar,
Depois de morta tres mezes,
Quase me faz expirar.

Disse o velho, minha vida,
Dá muito bem uma scena,
Dá um romance e um drama,
É a obra não pequena,
O velho tabellião
Quase qu chora com pena.

O velho ali descreveu
Todas scenas que deram
Alguns daquelles ali,
Foram escutar não poderam
Foi um serviço de gancho
O que essas sogras fizeram.

Então a primeira sogra,
Foi uma tal Marianna,
Tinha os dentes arqueados
Como a cobra caninana,
Elle casou-se na quarta
Brigou no fim da semana.

A segunda era uma typa
Alta, magra e corcovada,
Damnada para passeios,
Enredadeira Exaltada
Cavilosa e feiticeira,
Intrigante e depravada.

Por felicidade delle
Chegou-lhe a fortuna um dia,

Deu a munganga na velha
Chegou-lhe a hydrophobia,
Foi morta a tiro no campo
Graças ao povo que havia.

A terceira se chamava
Genovéva bota-abaixo,
Espumava pela boca
Que a baba cahia em caixo,
Um dia partiu a elle
Fez-lhe da cabeça um facho.

A quarta era fogo-vivo
Se chamava Anna-Martello
Filha de uma tal medonha,
Bala de bronze, cutello,
Parecia um jacaré
Desses do papo amarello.

Era da côr de gibóia,
O rosto muito cascudo
E tinha no céu da bocca
Um dente grande e agudo
Essa engoliu pelas ventas
Um genro com roupa e tudo.

Meu amigo disse o velho,
Eu me casei innocente
Porque antes de me casar
A velha era tão prudente

Eu disse com os meus botões,
Tenho uma sogra excelente.

Depois que casei, um dia
Eu ainda estava deitado,
Vi a velha dar um pulo
E abecar o creado,
Arrancar-lhe o coração
E disse este, eu como assado.

Veia á porta do meu quarto,
Disse: pedaço de um burro,
Inda não se levantou?
Quer se levantar a murro?
Voscê, ou cria coragem,
Ou cria cheiro de esturro!...

A derradeira de todas
Não era muito ruim,
Me levantava algum falso,
Fallava muito de mim,
Eu teria me banhado
Se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos,
Mas tambem não era tanto,
Uma vez quiz obrigr-me
Passar tres dias n'um canto,
Com um defuncto nas costas,
Fazendo oração a um santo.

Mas se ella não fosse assim
A velha fazia gosto,
Me fazia algum favor
E depois lançava em rosto
Se brigavamos Ianeiro,
Ficavamos bem em Agosto.

Ella depois de morrer,
Fez um papel temerario
Ajuntou-se co' a alma
Da avó de um boticario
E me passaram por sonho
Um dos contos de vigario.

Essa avó do boticario,
Em vida votou-me tedio
Por ter o neto botica
E eu não comprar remedio;
Morreu ella e minha sogra
Quase desgraçam meu predio.

Disse-me a velha em sonho,
Cave lá no pé do muro,
Lá achará uma jarra
Com moedas de ouro puro,
E' teu e de minha filha,
Serão ricos no futuro.

Acordei disse á mulher
Tudo que tinha sonhado

Disse ella, vá atraz
Desse thesouro enterrado,
Escavaque o pé do muro,
Só se lá tiver peccado.

Então tornei a dormir
Ellas voltaram de novo
Me disseram a jarra lá
Está cheia que só um ovo
Mulher só diz é asneira
Vá excutar este povo!

Vá cavar no pé do muro,
Aonde teve um coqueiro,
Debaixo da raiz delle
Acha uma lage primeiro
E debaixo dessa lage
Tem a jarra de dinheiro.

De manhã me levantei
E fui logo para lá
Cavei, encontrei a lage
Disse contente oh! vem cá
Sabe o que achei? um cortiço
De bezouro mangangá.

Ali os bezouros todos
Frecharam em cima de mim,
Eu nem sei como corri,
Julgnei ali ser meu fim,

Ouvi a velha gritar,
Bezouros bons, assim sim!

Passei um anno e dous mezes
Com febre sobre o chão duro,
Tinha febre todo dia
Trancado num quarto escuro
E a alma da damnada
Me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo
Por sonho viu ella vir
E lhe disse minha filha
Tu não podes resistir
Eu trago aqui um escravo
Que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou
E lá pelo mndo eterno
Existe tambem escravo?!
Filha lá tudo é moderno
Minha mãe onde achou este?
Disse a velha, no inferno.

Minha mulher disse ali,
Jesus, Maria e José,
A velha espantou-se, e disse:
Atrevida! como é?
Que chama por tres pessoas
De quem eu perdi a fé.

Disse a velha se mordendo,
Eu parto senão me acabo,
Diabos carreguem meu genro,
Que nem sogra dá-lhe cabo,
Sahiram então se mordendo
A velha com o diabo.

Essa tal de bota-abaixo
No dia que ella morreu
Eu lhe mostrei uma imagem
Pois a velha inda se ergueu
Arrebatou-me a imagem
Deu um bote e me mordeu.

Depois de morta tres annos
Onde sepultaram ella
Nasceu em cima da cova
Tres toceiras de mazella
Um livro de nova seita
Achou-se no caixão della.

A cobra era nova seita
Eu conheci o mysterio
E eu pude conhecer
Que o acto não era serio,
Tanto que eu disse logo,
Desgraçou-se o cemitrio.



AS PROESAS DE UM NAMORADO MOPINO

Sempre adoptei a doutrina
Ditada pelo rifão,
De ver-se a cara do homem
Mas não ver-se o coração,
Entre a palavra e a obra
Ha enorme distincção.

Zé-pitada era um rapaz
Que em tempos idos havia
Amava muito uma moça
O pai della não queria...
O desastre é um diabo
Que persegue a sympathia.

Vivia o rapaz soffrendo
Grande contrariedade
Chorava ao romper da aurora
Gemia ao virar da tarde
A moça era como um passaro
Privado da liberdade.

Porque João-molle, o pai della
Era um velho perigoso,
Embora que Zé-pitada
Dizia ser revoltoso,
Adiante o leitor verá
Qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste
Pitada vivia em ancia,
Elle como rapaz moço
No vigor de sua infancia,
Fallar depende de folego
Porém obrar, é sustancia.

Disse pitada a Marocas,
Eu preciso lhe fallar
Já tenho toda certeza,
Que é necessario a raptar,
A' noute espere por mim
Que havemos de contractar.

Disse Marocas a Zezinho:
Papai não é de brincadeira,
Diz Zé-pitada, ora esta!
Eu sou da mesma maneira,
Voscê póde vêr-me as tripas,
Porém não verá carreira.

Diga a que hora hei de ir,
Eu dou conta do recado

Inda seu pai sendo fogo,
Por mim será apagado,
Eu juro contra minh'alma
Que seu pai corre assombrado.

Disse Marocas, meu pai
Tem tanta disposição,
Que uma vez tomou um preso
Do poder de um batalhão,
Ballas choviam nos ares,
O sangue ensopava o chão.

Disse elle, eu uma vez
Fui de encontro a mil guerreiros,
Entrei pela retaguarda,
Matei logo os artilheiros,
Em menos de dez minutos
O sangue encheu os barreiros.

Disse Morocas, pois bem
Eu espero e póde ir,
Porém encare a desgraça,
Se acaso meu pai nos vir,
Meu pai é de ferro e fogo,
E' duro de resistir.

Marocas não confiando
Querendo experimentar,
Olhou para Zé-pitada
Fingindo querer chorar,

Disse, meu pai accordou,
E nos ouviu conversar.

Valha-me Nossa Senhora!
Respondeu elle gemendo,
Que diabo eu faço agora?!...
E cahiu no chão tremendo,
Oh! minha Noasa Senhora!
A vós eu me recommendo.

Nisso um gato derrubou
Uma lata na despença,
Elle pensou que era o velho,
Gritou, oh! que dor immensa!...
Parece qu' stou ouvindo
Jesus lavrar-me a sentença.

A febre já me atacou,
Sinto frio horrivelmente,
Com muita dor de cabeça,
Uma enorme dor de dente,
Está me dando a erysipela,
Já sinto o corpo dormente.

Antes eu hoje estivesse
Encerrado na cadeia,
De que morrer na desgraça,
E d'uma morte tão feia,
Veja se póde arrastar-me,
Que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe,
E pela sagrada paixão,
Me arraste por uma perna
E me hote no portão,
A moça quiz arrastal-o,
Não teve onde por a mão.

Ella tirou-lhe a botina,
Para ver se o arrastava,
Mas era uma fedendina,
Que a moça não supportava,
Aquella materia fina,
Já todo o chão alagava.

Disse a moça: quer um beijo?
Para ver se tem melhora?
Elle com cara de choro,
Respondeu-lhe, não, senhora,
Beijo não me salva a vida,
Eu só desejo ir-me embora.

Então lhe disse Marocas,
Desgraçado!... eu bem sabia,
Que um ente de teu calibre,
Não pode ter serventia,
Creio que fostes nascido
Em fundo de padaria.

Meu pai ainda não veio
Eu estou hoje sosinha,

Zé-pitada ahi se ergueu,
E disse, oh minha santinha!
A moça metteu-lhe o pé,
Dizendo: vai-te, murriuha!

E deu-lhe ali uma lata,
Dizendo: está ahi o pôço,
Voscê ou lava o quintal
Ou come um cachorro ensolso,
Se não eu metto-lhe os pés
Não lhe deixo inteiro um osso.

Disse elle, oh! meu amor!
O corpo todo me treme,
Minha cabecinha está,
Que só um barco sem leme,
Parece faltar-me o pulso,
O Anjo da Guarda geme.

Então a moça lhe disse:
O senhor lava o quintal
Olhe uma tabica aqui!...
Lava por bem ou por mal,
Covardia para mim,
E' crime descommunal.

E lá foi nosso rapaz
Se arrastando com a lata,
A moça ali ao pé delle,
Lhe ameaçando a chibata,

Elle exclava chorando
Por amor de Deus não bata.

Vai miseravel de porta
Quero já limpo isso tudo,
Um homem de sua marca
Pequeno, feio e pançudo,
Só tendo sido criado
Onde se vende miudo.

Disse o Zé quando sahiu:
Eu juro por Deus agora,
Ainda uma moça sendo
Filha de Nossa Senhora,
E olhar para mim, eu digo:
Desgraçada, vá embora.

6063

AVISO

Com o fim de evitar os abusos constantes, resolvi d'ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um cliché, sem logar determinado.

Leandro Gomes.

—○—

(166)